X EPCC
Encontro Internacional de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017
ISBN 978-85-459-0773-2

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS ENTRE OS JOVENS: VIOLÊNCIA E INDÚSTRIA CULTURAL

Luís Felipe de Alencar Praxedes[1]; *Vinícius Romagnolli Rodrigues Gomes* [2]

[1]Acadêmico do Curso de Psicologia, Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR. PIC-Unicesumar.
felipe.praxeds@hotmail.com
[2]Orientador, Mestre, docente no Centro Universitário de Maringá UNICESUMAR. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental e Desenvolvimento na Infância e na Adolescência – CESUMAR.
viniciusrrgomes@gmail.com

RESUMO

O presente projeto de iniciação científica, em andamento, tem como objetivo investigar a possível influência da indústria cultural no fenômeno dos abusos psicológicos em relacionamentos afetivos entre os jovens, temática pouco abordadas nas pesquisas acadêmicas. Para tal, está sendo realizada revisão bibliográfica da literatura relacionada a indústria cultural e a subjetividade, a violência e os modelos de relacionamento interpessoal da contemporaneidade. É discutido neste texto a conceituação de violência para o referencial teórico psicanalítico, para então relacionar com autores da sociologia que discorrem acerca da indústria cultural, sua relação com a subjetividade e os modelos identificatórios que a compõem.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia, Abuso, Subjetividade.

1. INTRODUÇÃO

As formas como os seres humanos se relacionam entre si estão subordinadas à época, ao local, as condições socioeconômicas, ao contexto histórico, à cultura e à própria história anterior de cada indivíduo. Sabendo disso, não é de se espantar que os relacionamentos afetivos da atualidade estejam agindo negativamente sobre a saúde mental dos indivíduos, influenciados pelos aspectos citados de nosso contexto: relacionamentos pautados na violência, na maioria das vezes psicológica e que em tantas outras se torna física, indivíduos narcisistas que só avaliam suas relações em termos de ganhos ou perdas, tratando o outro apenas como um objeto de consumo que enquanto lhe proporciona prazer deve ser mantido próximo caso contrário, é descartado sem muitas cerimônias (BAUMAN, 2003); este medo do descarte, do abandono podendo ser gerador de atitudes extremas de violência. Como tentaremos demonstrar, a indústria cultural possui um papel crucial no surgimento dessa violência, e tal fenômeno será explanado ao longo deste texto. Em nosso estudo lançaremos mão do referencial teórico psicanalítico além de dialogar com autores da sociologia

De acordo com Marin (2002) a violência pode ser considerada fundamental ao processo de subjetivação do indivíduo, determinante deste, uma vez que o momento em que o bebê reconhece, percebe sua individualidade em relação ao restante do mundo que o cerca incluindo sua mãe, é marcado pela violência do rompimento com a realidade externa. Esta realidade, seus cuidadores, não estarão prontos para realizar todas as suas necessidades e desejos em tempo integral, o que gera um desconforto e uma desilusão em um mundo que até então era perfeito. O infante percebe que está por conta própria. Tal ato violento dá origem ao indivíduo que, dotado de necessidades, vontades e desejos, utilizará essa violência aprendida – uma energia fundamental, uma pulsão forte a ponto de submeter o objeto externo ao objetivo visado – para satisfazer as demandas internas. No entanto, uma mera realização direta dessas pulsões impossibilita uma convivência em sociedade. A resolução mais rápida do Édipo, livrar-se ou mesmo assassinar o pai para ficar com a mãe é impraticável por razões óbvias, por exemplo. Portanto, é necessário que a sociedade limite as pulsões violentas desses indivíduos, que corte suas asas, para que em um processo de sublimação

ISBN 978-85-459-0773-2

eles transformem essa pulsão de maneira criativa em uma expressão aceita pela sociedade (MARIN, 2002).

Contudo, essa violência fundamental só parece encontrar seus caminhos para a expressão de forma criativa se ela for reconhecida como parte importante do ser humano, e não negada, tal qual parece ser a tendência da sociedade nos dias de hoje (MARIN, 2002). Caso ocorra uma negação, a violência se manifestará de maneiras mais rudimentares, mais próxima da aniquilação e destruição do outro (MARIN, 2002). Uma vez que tal ato esteja presente no cotidiano e não seja percebido como violento, sua reprodução ocorrerá pelos indivíduos a ele expostos, banalizando a violência (ARENDT, 2008). Essa tendência pode ser observada na cultura atual, onde se valoriza em excesso o prazer enquanto que o sofrimento, e tudo o que for "negativo" é deixado de lado, o que inclui a consciência dos impulsos violentos inerentes a subjetividade humana – ninguém quer aceitar seu papel de violentador, a violência é sempre uma coisa distante, praticada em contextos muito distantes (Marin, 2002). Evidente que tal cultura do prazer tem origem a partir de (mas não apenas) fatores econômicos.

A lógica do mercado e do consumo, predominante em nossa sociedade faz parte da ideologia dominante atual, a da maximização do consumo e deste como fonte de felicidade e bem-estar (BAUMAN, 2002). Tais ideais perpetuam o status quo de dominação, visto que apenas contribuem para a acumulação de capital de uma pequena parcela da população detentora dos meios de produção, uma concentração de renda geradora de uma desigualdade social inerente ao capitalismo (BAUMAN, 2002). Como auxiliadora nos processos de difusão e manutenção desta ideologia surge a indústria cultural, uma grande máquina de produção cultural que fornece uma versão da realidade, a qual se torna referência para os indivíduos para a realidade de fato, através de uma produção massiva de filmes, músicas, livros e outros meios de comunicação (ADORNO, 1986). Os modelos de identificação fornecidos pela indústria cultural (as grandes personalidades do cinema e da tv, atletas famosos, milionários etc.) terão um efeito nos indivíduos a ela exposta: com a exaltação de um padrão de consumo nas produções que é reverenciado e colocado como o meio de atingir a felicidade, as pessoas tentarão a todo custo atingi-lo, mas não sem custos (CANIATO, 2009). O foco excessivo no prazer individual – já que este é segundo os ditames da indústria cultural, a fonte verdadeira da felicidade – além de uma descrença do indivíduo em causas coletivas e nas instituições faz com que os indivíduos se voltem para si mesmos em uma apatia social. Sennet chamava este fenômeno de narcisismo clínico, onde a subjetividade que corta laços com o exterior por desconfiança só responde e submete-se a si mesma. O mundo passa a ser significado a partir de uma visão hedonista, provocando uma ausência de clareza na separação, nos limites entre o privado e o público (SENNET, 1990). Dessa forma, o narcisista clínico se vê impossibilitado de realizar uma análise a fundo e verossímil das pessoas com quem se relaciona e os objetos a seu exterior, provocando diversos problemas de relacionamento entre as pessoas, inclusive por gerar no indivíduo uma incapacidade de sentir satisfação plena, sintetizado pelo autor na frase "não é isso o que eu queria" (SENNET, 1990).

Entre outras consequências da atuação da indústria cultural, há a ocupação desta do centro do processo identificatório do indivíduo, não mais estando na família e na figura paterna (MARCUSE, 1970). Uma vez que essa cultura produzida massificada se estabelece, portanto, como mediadora entre o inconsciente e a realidade a qual está inserido, este se torna vulnerável devido a destituição da autoridade paterna no processo de subjetivação. Sem uma autoridade construída dentro de si, os limites para a obtenção ou a tentativa de obtenção do prazer não ficam claros, e o culto ao prazer e a cultura da permissividade tornam essa, uma busca a qualquer custo (CANIATO, 2009; MARCUSE, 1970).

ISBN 978-85-459-0773-2

A busca a qualquer custo pelo prazer gerada pela indústria cultural e a sociedade de consumo, a imposição de modelos identificatórios inatingíveis, o narcisismo clínico que impede que o Outro seja reconhecido em sua alteridade, a cultura da permissividade, a destituição da figura paterna, todos fatores que parecem contribuir para a questão dos relacionamentos afetivos abusivos: apenas se importando consigo mesmos, os indivíduos ao menor sinal de frustração (a lembrança da violência negada), causada pela incapacidade de se igualar ao modelo identificatório aprendido, provocarão atos de violência com o intuito de aniquilar aquele que te proporcionou o sofrimento (ou que apenas não foi o suficiente para o longínquo prazer visado), apenas reconhecido como um objeto e não uma pessoa em si, já que não há limitações para a busca e obtenção de seu prazer segundo o que aprendeu através da ideologia captada. Cria-se assim, um modelo de relacionamento pautado em uma violência não sublimada, gerada pela eterna frustração de nunca se aproximar dos modelos identificatórios, como os relacionamentos romantizados perfeitos dos filmes e livros.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, o primeiro procedimento será redimensionar o referencial teórico adotado a partir dos estudos sobre indústria cultural, subjetividade e seus processos identificatórios, a violência a partir de uma abordagem psicológica, e modelos de relacionamentos da modernidade, através de pesquisa bibliográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como justificativa para este projeto ainda em andamento, podemos mencionar a relevância da problematização de relacionamentos abusivos para a vida social e as relações interpessoais, e ampliar a ideia do que se considera ser a influência da indústria cultural. Embora a importância do tema esteja sendo reconhecida e existam discussões acerca, é notável a ausência de uma bibliografia mais especializada e dados sistematizados a respeito da temática dentro do meio científico. A bibliografia disponível relacionada quando não está circundando a temática e o aborda de fato, foca-se em abusos e violência físicos, que, mesmo sendo de grande importância, por já se apresentarem como o centro da discussão em diversos trabalhos, não serão o foco aqui.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto se encontra em andamento, sendo estes os resultados parciais para serem discutidos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **Teoria critica del sujeto:** ensayos sobre psicoanalisis y materialismo histórico. Tradução Henning Jensen. México: Siglo Veintiuno, 1986.

ARENDT, H. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. Belo Horizonte (BH): Companhia das Letras/Editora UFMG; 2008.

BAUMAN, Z. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2002.

ISBN 978-85-459-0773-2

CANIATO, Angela Maria Pires. **Subjetividade e violência:** Desafios contemporâneos para a psicanálise. Maringá: Eduem, 2009.

MARCUSE, H. **Le viellissement de la psychanalyse.** In: _____. **Cultura et societé.** Paris: Les Editions de Minuit, 1970.

MARIN, Isabel da Silva Kahn. **Violências.** São Paulo: Escuta/Fapesp, 2002.

SENNET, R. **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidade. Tradução Lygia Araujo Watanabe. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.